

GEOGRAFIA: UNIDADE E MULTIDIMENSIONALIDADE*

Luiz Carlos FLÁVIO**

Linha de Pesquisa: Produção do espaço urbano

Nível: Doutorado

Douglas Santos, na obra “*A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*” (2002) mostra que em nenhum momento o espaço é algo dado, acabado. Antes, é ininterrupta *reinvenção* enquanto prática espacial (ações concretas, em sua diversidade) e enquanto pensamento que reflete e categoriza as referidas práticas.

Isto porque a história (logo, também o espaço) é um constante diálogo com o real. Diálogo difícil, diga-se de passagem, já que a realidade sempre está adiantada, a questionar as possíveis veleidades da teoria que se quer completa.

À medida que dialoga com o real (isto é, com as práticas socioespaciais concretas), a ciência vai inventando e reinventando seus conceitos. Como parece sugerir Thomas Khun, a revolução é algo que está sempre na “ordem do dia” para a ciência. A título de exemplo, miremos a trajetória longa que o próprio conceito de natureza (em sua apreensão na relação sociedade/natureza, pelo homem) veio trilhando desde o alvorecer da ciência moderna até o tempo presente. Como bem argumenta o geógrafo Ruy Moreira (1993), a própria dicotomização que põe (ou opõe) homem e natureza como realidades ou elementos mutuamente estanques, trata-se de uma construção teórica (portanto, histórica).

O autor referido demonstra que o homem vai sendo *isolado* da natureza, no pensamento de Descartes, Kant, Hegel, cujas bases epistemológicas inspirarão os geógrafos que desde o século XIX vão elaborar/sistematizar o pensamento geográfico. Nesta articulação estão os fundamentos da dicotomia *Geografia Física X Geografia Humana*. No entanto - é importante que se diga - a teoria ou visão que separa o homem da natureza separa o que é, em essência, inextricável. Na relação homem-sociedade-natureza há um imbricamento onde o homem *humaniza* a natureza e esta *naturaliza* o homem, numa relação dialética, como ensina Massimo Quaini (1979).

Contudo, a essa altura poderíamos comungar com Charles Fourier, o qual ensinava que, diante das problemáticas humanas, devemos questionar o seguinte: qual pergunta fundamental podemos fazer ante a questão abordada? (No caso presente, a pergunta recairia sobre os fundamentos da divisão entre geografia física e geografia humana). Ora, talvez seja importante lembrar os ensinamentos de Yvez Lacoste (1974; 1988). Ele recapitula que o surgimento das ciências em geral, e da geografia em particular, esteve vinculado à tarefa histórica de servir como instrumentos à burguesia: ou seja, de dominação territorial, dominação de classes e mesmo como instrumento virtualmente de ocultação da exploração (colonial, de classes etc.).

É interessante também nos reportarmos a Marx e Engels na obra “*Ideologia Alemã*” (1984). Na importante concepção que elaboraram, produção material e produções ideológicas andam de braços dados nas sociedades históricas. Tal qual podemos perceber que ocorre no contexto das sociedades capitalistas, as representações engendradas se relacionam com os interesses das classes/grupos hegemônicos, sendo voltadas à reprodução das dominações. A geografia descritiva pode ser entendida então enquanto ocultação (no plano das idéias) das relações de dominação e exploração capitalista.

A essa altura, pensamos ser pertinente evocar uma questão relevante para refletirmos a ciência geográfica. Trata-se dos conceitos de unidade e diversidade da realidade. Aquela que nos lembra que a diversidade de elementos/aspectos que compõem o *real concreto*, se relacionam e

* Texto elaborado na Prova de Conhecimentos Específicos do processo de seleção da Pós-Graduação em Geografia, FCT-Presidente Prudente, SP.

** Contato: lucaflavio@gmail.com.

consubstanciam as formações sociais objetivas em uma unidade contraditória que dá consistência ao real. Para lembrarmos Marx em sua “Contribuição à crítica da economia política” (1983), “o concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações.

A partir desse fio condutor, para bem refletir essa temática, podemos evocar também a relevância do conceito de totalidade, tão caro à geografia, em sua construção recente e debatida por vários geógrafos, como Milton Santos, Ruy Moreira, Armando Correia da Silva, dentre tantos outros. (Vide, por exemplo, o grande rol de autores que participam da obra organizada por Milton Santos [1982], intitulada *Novos rumos da geografia brasileira*). Ou seja, as discussões que cercam o conceito de totalidade desde os anos 1970 é muito importante no contexto que descrevemos.

Como fruto do debate referido, uma de suas conclusões mais expressivas recai na idéia de que o conceito de totalidade permite nos aproximar da pluralidade de coisas que existem (homens, grupos, Estado, capital, instituições etc.) e ganham concretude, relacionam-se e, enfim, espacializam-se. Permite também entender interações/conexões entre espaços e tempos diferentes, desiguais, em suas coexistências enquanto realidades de técnicas, fluxos, interesses, tradições, esperanças, que perfazem as diferentes territorialidades. Pois como assevera Georges Perec (citado em Carlos, 2001, p. 59) esses eventos se inscrevem no espaço.

Assim, por sua própria natureza, o espaço está prenhe das mais diversas funções, feições, particularidades: é, portanto, diverso, plural. Em virtude disso, tem sido dicotomizado, seja como *Geografia Física X Geografia Humana*; ou mesmo como *Geografia Geral X Geografia Regional*, cuja divisão também tem sido combatida no âmbito da construção do pensamento geográfico recente.

O profícuo debate das últimas décadas tem trilhado a superação dessas dicotomias. Lembro que, para atingir esse objetivo, muito se tem recorrido a importantes conceitos, como divisão territorial do trabalho, divisão social do trabalho, desenvolvimento desigual, entre outros, os quais permitem o entendimento da multidimensionalidade do espaço a qual se expressa sob feições por nós analisadas como lugar, território, paisagem, região etc.

Nesse sentido, tem sido rico o confronto de visões e concepções analíticas na geografia a respeito da apreensão do espaço socialmente produzido. Várias vertentes têm se fertilizado mutuamente no que tange ao fato de que cada uma assume diferentes posturas científicas e políticas, cujos matizes teórico-conceituais se fundamentam em tendências neopositivistas, dialéticas (marxistas), fenomenológicas e humanistas como atestam, entre tantos estudiosos, Gomes (1996) Corrêa (2003), Sposito (2001).

Vale destacar também que um dos aspectos que agrega consistência e fertiliza a própria construção das correntes teóricas se refere ao que denominaremos, com Santos (2000), metadisciplinaridade. Ou seja, a busca do diálogo proveitoso e instrutivo ou questionador com outros campos do conhecimento, tais como economia, sociologia, antropologia, Urbanismo, Psicologia, História etc. O contato com a diversidade do saber é seminal para enriquecer o aparelhamento teórico-conceitual da geografia. Como afirmam Deleuze e Guattari (1992) os conceitos são *pontes moventes* que podem ser fertilizados pelo aproveitamento ou aproximação de outros conceitos “inventados” pelos cientistas.

O combate à dicotomia entre as “geografias” parece-nos ser tarefa de grande valia na ciência geográfica. Pois, tal qual sugere Harvey (2004), é mister garantir a não cisão entre “corpo e globalização”. Isto é, perceber que existem conexões entre as realidades locais ou particulares e aquelas mais distantes, de macro-escalas (globais). Ou, também, parafraseando Lefebvre (1969) não podemos admitir cisões entre a vida e a arte, entre material e imaterial, entre pequeno e grande ou mesmo entre o certo e o errado. Creio que, para além da dúvida metódica de Descartes sobre a verdade, tais autores nos suscitam a tratar a realidade tal como ela é: essencialmente dialética.

Para nós, a melhor forma para nos aproximar da verdade científica é tratar suas diferencialidades (como, no caso, as espaciais) a partir de sua concretude caracterizando-as como *parte* que traz em si algo de relacional com outras realidades, em suas contradições, tramas,

dramas, seus interesses de classes, suas relações intrincadas e desiguais formas de acesso ao espaço produzido, como diz Damiani (1996) a respeito dos estudos de população.

Em função de a realidade ser diversa e complexa, a geografia e a ciência estão em constante crise. Para Maffesoli (2003) a crise significa que a ciência precisa abrir novos ciclos explicativos renovando seus conceitos. Sendo assim, como já proferiu um geógrafo no passado: “a geografia está em crise, viva a geografia!”

Por último, gostaria de salientar que a discussão aqui proposta é muito fértil também em relação à pesquisa por nós sugerida para doutoramento. Entre outros aspectos, penso que os conceitos de cotidiano e territorialidades urbanas podem fazer avançar o debate na ciência geográfica sobre a relação entre espaços específicos e sua amarração a outras escalas, seja no que tange aos sujeitos que os constroem, seja no que tange às suas relações mais diversas, conflituosas ou ainda de pertencimentos e identidades construídas/reconstruídas no fluir de suas existências de trabalho, lazer, sagrado, políticas, gostos, estéticos, etc.

A cidade é lugar ímpar para este debate/reflexão, com sua substancialidade polifônica e poliorâmica no dizer de Carlos (2001). Para nós, todo o universo poliorâmico urbano é tecido no cotidiano onde o homem busca mudar a cidade, mudar a vida, conforme sugere Heller (1982).

Ademais, como quer Martins (1992) o cotidiano faz história, em seus desencontros, lutas, desgostos, idéia que, aliás, muitos outros importantes autores já apontaram, tais como Certeau (2002) e Maffesoli (1987).

Nossas pesquisas, nos tempos cada vez mais complexos de hoje, mais do que nunca devem mostrar que os lugares são unidades contraditórias da vida social. E se a realidade é contraditória, dialética (LEFEBVRE, 1979), a teoria não deve olvidar essa condição do ser/estar que se tornam realidades espaciais que os geógrafos analisam.

Tal qual aponta o próprio Lefebvre em outra obra (1969), questionar a realidade a partir de uma crítica rigorosa é que faz a ciência avançar. Desse modo, ratificamos a afirmação proferida no início do presente texto: tal qual toda ciência, a geografia pode e deve ser constantemente reinventada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARLOS, A. F. A. A metrópole polifônica – poliorâmica. In: SPOSITO, M. E. B. **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. P. Prudente: Unesp/Gasperr, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 7^a ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 5^a. ed., Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

DAMIANI, A. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 1996

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GOMES, P. C. C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. S. Paulo: Loyola, 2004.

HELLER, A. **Para mudar a vida**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LACOSTE, Y. A geografia. In: Chatelet, F.(org). **História da filosofia: idéias, doutrinas.** v. 07, A filosofia das ciências sociais, de 1860 a nossos dias. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

_____ **A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Campinas: Pairus Editora, 1988.

LEFEBVRE, H.. **Introdução à modernidade: prelúdios.** RJ: Paz e Terra, 1969.

_____ **Lógica formal, lógica dialética.** 2ª. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____ **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____ **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas.** São Paulo: Zouk, 2003

MARTINS, J. de S. **Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo:** S. Caetano do Sul. Pref. de S. Caetano do Sul: Série Histórica, n. 3, 1992

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, K, ENGELS, F. **A ideologia alemã: teses sobre Feuerbach.** São Paulo: Moraes, 1984.

QUAINI, M. **Marxismo e geografia.** São Paulo: Paz e terra, 1979.

MOREIRA, R. **O círculo e a espiral.** Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1993.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria.** São Paulo: UNESP, 2002. 218 p.

SANTOS, M. (org.). **Novos rumos da geografia brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1982.

_____ **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos.** São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

SPOSITO, E. S. A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea. **Revista Terra Livre,** São Paulo, p. 99-112, 2001.